

Banco do Brasil apresenta / presents

Vivian


PELE AZUL

Caccuri

29 abr - 03 ago | 2026

Apr. 29 - Aug. 3, 2026

Vivian Caccuri - Pele azul / Vivian Caccuri - Blue Skin



Banco do Brasil apresenta e patrocina *Vivian Caccuri – Pele azul*. Com curadoria de Bernardo José de Souza, a exposição convida o público a mergulhar nas complexas relações entre humanidade, natureza e tecnologia, utilizando a presença discreta e central dos mosquitos como ponto de partida.

A mostra reúne instalações, bordados, esculturas sonoras e trabalhos audiovisuais que se desdobram em experiências sensoriais e narrativas poéticas sobre som, corpo e ecologia. A partir de uma pesquisa aprofundada sobre a trajetória e o impacto cultural desses insetos no Brasil, a artista investiga seus vínculos com a vida humana, revelando sua influência no cotidiano, na saúde pública, no imaginário coletivo e na formação das cidades tropicais.

Ao realizar este projeto, o Centro Cultural Banco do Brasil reafirma seu compromisso com a valorização da arte contemporânea nacional, estimula reflexões sobre sustentabilidade e desequilíbrios ambientais e amplia a conexão dos brasileiros com a cultura.

Banco do Brasil presents and sponsors Vivian Caccuri – Blue Skin. Curated by Bernardo José de Souza, the exhibition invites visitors to explore the complex relationships between humanity, nature, and technology, taking the discreet yet central presence of mosquitoes as a starting point.

The exhibition brings together installations, embroidery, sound sculptures, and audiovisual works, creating sensory experiences and poetic narratives about sound, the body, and ecology. Drawing on in-depth research into the trajectory and cultural impact of these insects in Brazil, the artist examines their connections to human life, revealing their effect on daily life, public health, and collective imagination, and their role in shaping tropical cities.

Through this project, Centro Cultural Banco do Brasil reaffirms its commitment to promoting contemporary Brazilian art, fostering reflection on sustainability and environmental imbalances, and strengthening public engagement with culture.

Centro Cultural Banco do Brasil

Pele azul

Viver requer experimentar a ideia de “contágio” como medida de nossas relações com outras espécies, culturas e tecnologias. Somos permanentemente afetados por diferentes formas de vida ou existência, sejam elas animais, vegetais, inorgânicas ou mesmo artificiais. Essa ecologia de seres — que compreende o humano e o não humano — envolve relações biológicas, políticas e de afeto.

Imaginem uma selva elétrica, uma atmosfera na qual o *contágio* se dá através das ondas sonoras, da experiência sensorial e da possibilidade de repensar o convívio com aquilo que não vemos ou conhecemos. Esta exposição reúne um conjunto de trabalhos que a artista Vivian Caccuri vem desenvolvendo em torno de sua investigação sobre os mosquitos — estas mínimas criaturas com as quais convivemos, quase invisíveis, mas que se fazem presentes em nossas vidas a partir do som que produzem, de sua picada, que sentimos na pele, e da possível doença que nos transmitem.

A história dessa espécie milenar, todavia, é tão vasta e conflituada quanto a nossa, humana. São narrativas que se cruzam, confundem e passam por medidas de saneamento básico, pesquisas científicas e viagens transatlânticas que remontam ao passado colonial, quando os navios negreiros que vinham da África, trazendo os povos escravizados por Portugal no século 17, também trouxeram o mosquito *Aedes aegypti*, sabidamente responsável por disseminar, no Brasil, enfermidades importadas, como a febre amarela e a malária — além da dengue, posteriormente.

Por outro lado, as terras hoje conhecidas como Brasil também possuem sua diversidade própria de mosquitos, entre eles, o *Sabethes albiprivus* — o mosquito de pele azul que dá nome a esta exposição —, uma espécie nativa das florestas tropicais e subtropicais da América do Sul e Central. Sua cor iridescente e morfologia exótica o tornam distinto dos demais, sobretudo por não ser facilmente encontrado próximo ao solo. Em geral, vive nas copas das árvores e, quando avistado por humanos ao rés do chão ou em centros urbanos, torna-se um preocupante indício de desmatamento.

Contudo, afora as questões sanitárias, políticas e econômicas, imperialistas e coloniais que permanecem impactando nossas sociedades no século 21, esta mostra nos possibilita repensar o humano sob renovadas perspectivas: por um lado, somos apenas um dentre muitos seres a conviver com outras formas de vida e tecnologias sob os fluxos da modernidade e do pensamento científico; por outro, abre-se aqui a oportunidade de expandirmos nossa percepção para além do campo estritamente visual. A artista Vivian Caccuri, portanto, propõe imergirmos numa realidade que nos demanda sentir e reagir ao entorno existencial a partir de estímulos auditivos, hápticos e também visuais. *Pele azul* nos leva a pensar o outro — ou o desconhecido — com o qual compartilhamos um mundo comum.

Bernardo José de Souza
curador

Blue Skin

To live is to experience the idea of “contagion” as a measure of our relationships with other species, cultures, and technologies. We are perpetually affected by different forms of life and existence, whether animal, plant, inorganic, or even artificial. This ecology of beings—human and nonhuman alike—is woven from biological, political, and emotional relations.

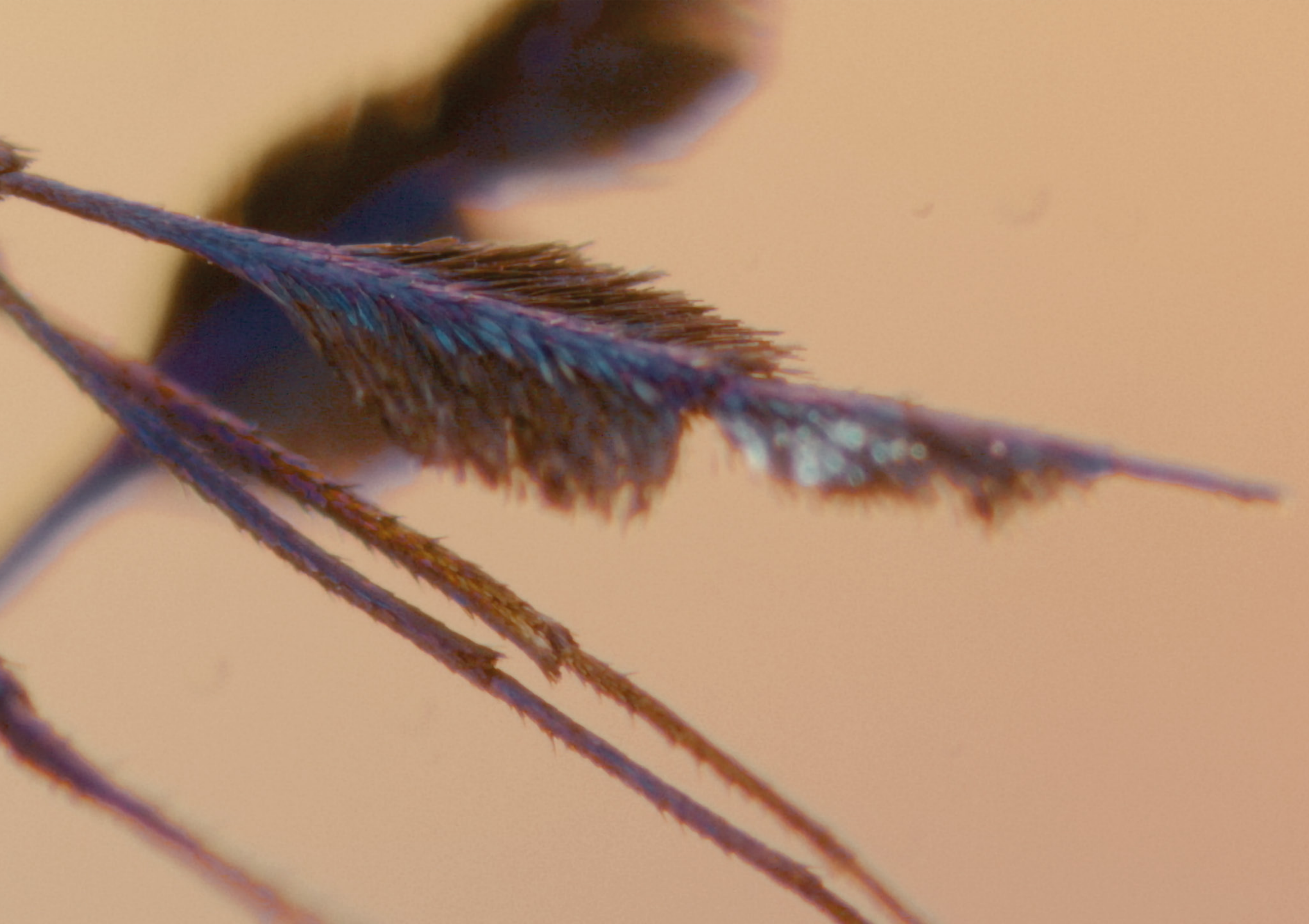
Imagine an electric jungle, an atmosphere where contagion spreads through sound waves, sensory experience, and the invitation to rethink our coexistence with that which we cannot see or fully grasp. This exhibition presents a body of work that Vivian Caccuri has developed through her investigation of mosquitoes—tiny creatures we coexist with, nearly invisible, yet present in our lives through the sounds they make, the bites on our skin, and the diseases they can transmit.

*The history of this ancient species is as vast and fraught as our own. These narratives intersect and overlap, involving public sanitation, scientific research, and transatlantic voyages dating back to the colonial past, when 17th-century ships coming from Africa carrying enslaved people trafficked by Portugal also brought the *Aedes aegypti* mosquito, responsible for spreading diseases in Brazil such as yellow fever and malaria, and later dengue.*

*The lands now known as Brazil also have their own native mosquito diversity, including the *Sabethes albiprivus*, the blue-skinned mosquito that lends the exhibition its name, a species native to tropical and subtropical forests of South and Central America. Its iridescent color and exotic morphology set it apart from other species, not least because it is rarely found near the ground. It typically lives in tree canopies and, when spotted by humans at ground level or in urban areas, it becomes a troubling sign of deforestation.*

Beyond the health, political, and economic concerns shaped by imperialist and colonial legacies that still underpin 21st-century society, this exhibition invites us to rethink the human from new perspectives. On the one hand, we are merely one of many beings coexisting with other forms of life and technology within the currents of modernity and scientific thought; on the other, we are offered the chance to expand our perception beyond the strictly visual. Vivian Caccuri invites us to immerse ourselves in a reality that demands we feel and respond to our existential surroundings through auditory, haptic, and visual stimuli. Blue Skin encourages us to think about the “other”—or the unknown—with whom we share a common world.

Bernardo José de Souza
curator



Gatonet (Nuvem)

Um emaranhado de cabos elétricos replica as formas de uma floresta tropical, como cipós a conduzir informação sonora, propagando o zumbido de mosquitos pela atmosfera. O “natural” e o virtual se confundem em uma paisagem brutalista, feita de blocos de concreto e fios de cobre — a borracha como elemento isolante da carga elétrica a desencadear reações em cadeia no espaço da galeria.

Espécie de coração da selva elétrica, essa instalação irradia sons de mosquitos reais — gravados por cientistas — cujo ambiente e espacialidade são posteriormente manipulados pela artista. Desse entrevero de informação visual, sonora e sensível, esparramam-se alhures os efeitos de uma revoada de insetos invisíveis. Ao passo que nos acompanham ao longo da galeria, eles sinalizam a presença velada de uma natureza que a humanidade tenta obliterar — transformá-la para domesticá-la, controlá-la, ainda que sob o risco de, com isso, também sermos obliterados ou mesmo extintos no decorrer do processo.

Diversas espécies de mosquitos acabaram por encontrar nas cidades — selvas de pedra — o ambiente perfeito para sua reprodução. Umidade, calor, poças d’água, construções esquecidas, terrenos baldios — as típicas grandes cidades de clima tropical — constituem a sopa essencial para que a parede de concreto não seja capaz de frear a convivência com outras espécies. Os mosquitos azuis são tão dependentes da rica biodiversidade das florestas que ainda não migraram para as cidades, mas será que poderiam, em um futuro distópico? Tão voláteis quanto hábeis em construir partituras de uma música infernal, os mosquitos produzem sua sinfonia de zumbidos: zzzzzzzzzzzz. Um convívio de risco, de iminente contágio: o de sermos afetados pelo inseto frágil que nos pica e, ao colher nosso sangue, acaba por difundir suas moléculas de moléstias. Mas, afinal, tudo na natureza é contágio: a diversidade exige contato, disseminação, propagação.

Gatonet (Cloud)

A tangle of electrical cables replicates the forms of a tropical forest, like lianas carrying sonic information and spreading the buzz of mosquitoes through the atmosphere. The “natural” and the virtual blur into a brutalist landscape of concrete blocks and copper wires, with rubber acting as an electrical insulator, triggering chain reactions throughout the gallery space.

As the heart of this electric jungle, the installation radiates sounds of real mosquitoes—recorded by scientists—whose environment and spatiality are subsequently manipulated by the artist. From this jumble of visual, auditory, and sensory input, we feel the effects of a swarm of invisible insects spilling outward. As they accompany us through the gallery, these sounds signal the veiled presence of a nature that humanity tries to erase by transforming, domesticating, and controlling, even at the risk of our own obliteration or extinction.

Several mosquito species have found in cities—concrete jungles—the perfect environment for reproduction. Humidity, heat, puddles, abandoned buildings, vacant lots—the hallmarks of large cities in tropical climates—

provide the essential habitat, proof that concrete walls are no barrier to coexistence with other species. Blue mosquitoes are so dependent on the rich biodiversity of forests that they have not yet migrated to urban environments—but might they, in a dystopian future? As volatile as they are skilled at composing infernal symphonies, mosquitoes write their buzzing scores: zzzzzzzzzzzz. This is a risky coexistence, one of imminent contagion—the risk of being affected by the fragile insect that bites us and, in drawing our blood, spreads its molecules of disease. But then, everything in nature is contagion: diversity depends on contact, dissemination, and propagation.

Vivian Caccuri
***Gatonet (Nuvem)*, 2026**

Instalação sonora. 120 caixas de concreto,
60 caixas de som e cabos de áudio

Dimensões variáveis

Vivian Caccuri
***Gatonet (Cloud)*, 2026**

*Sound installation. 120 concrete boxes,
60 speakers, audio cables*

Dimensions variable



Lexapro II e III

Através de uma longa série de painéis têxteis dedicada aos mosquitos, Vivian Caccuri constrói ambientes nos quais os humanos interagem com outras espécies em espaços multidimensionais: são experiências sonoras e de contato que se processam em plano contínuo. Apesar de não emitirem som algum, estas peças constituem ambientes acústicos desprovidos de um eixo fixo, nos quais diferentes atores e distintas temporalidades confluem de forma a romper com as narrativas lineares, de fio único.

O contato das figuras humanas com os mosquitos se dá no escopo de uma interação dinâmica, que desconhece barreiras entre o social e o biológico. Nos dois painéis em exibição — *Lexapro II e III* —, o corpo humano e o dos mosquitos se confundem de forma a constituir novas entidades. É como se esses corpos em transe fossem embalados por uma frequência sonora inaudível, ainda que latente nos conflituados bordados — o som como espaço de coabitação. Tais peças vão ao encontro daquilo que Steven Feld chama de *acustemologia*: uma forma sonora de estar no mundo, um conceito “baseado na

teoria da ontologia relacional, que pressupõe que a vida é compartilhada em relação aos outros. Escutar é um ato de conexão com espécies — humanas e não humanas — em uma simbiose coletiva na qual o som opera como uma experiência cultural compartilhada que une diversas comunidades globais em afinidade umas com as outras” (Pavilhão Britânico, Bienal de Veneza, 2024, tradução de Adriana Francisco).

Nesse sentido, as experiências sônicas promovidas por Caccuri em seus painéis têxteis se processam no plano da virtualidade, demandando do público uma resposta imaginativa aos estímulos que emanam dos corpos em movimento bordados nas telas de mosquiteiro como uma ampla narrativa manufaturada. Imaginação como instrumento para compreender o mundo.

Lexapro II and III

Through a long series of textile panels dedicated to mosquitoes, Vivian Caccuri constructs spaces in which humans interact with other species in multidimensional settings: sonic and tactile experiences that unfold on a continuous plane. Although the panels themselves emit no sound, they constitute acoustic environments without a fixed axis, where different agents and temporalities converge in ways that disrupt linear, single-threaded narratives.

The encounter between human figures and mosquitoes takes place as a dynamic interaction that knows no boundaries between the social and the biological. In the two panels presented—Lexapro II and III—the human body and that of mosquitoes merge, giving rise to new entities. It is as though these bodies in trance were cradled by an inaudible frequency, latent in the tension-filled embroideries—sound as a space of cohabitation. These works resonate with what Steven Feld calls acoustemology, a sonic way of being in the world—a concept

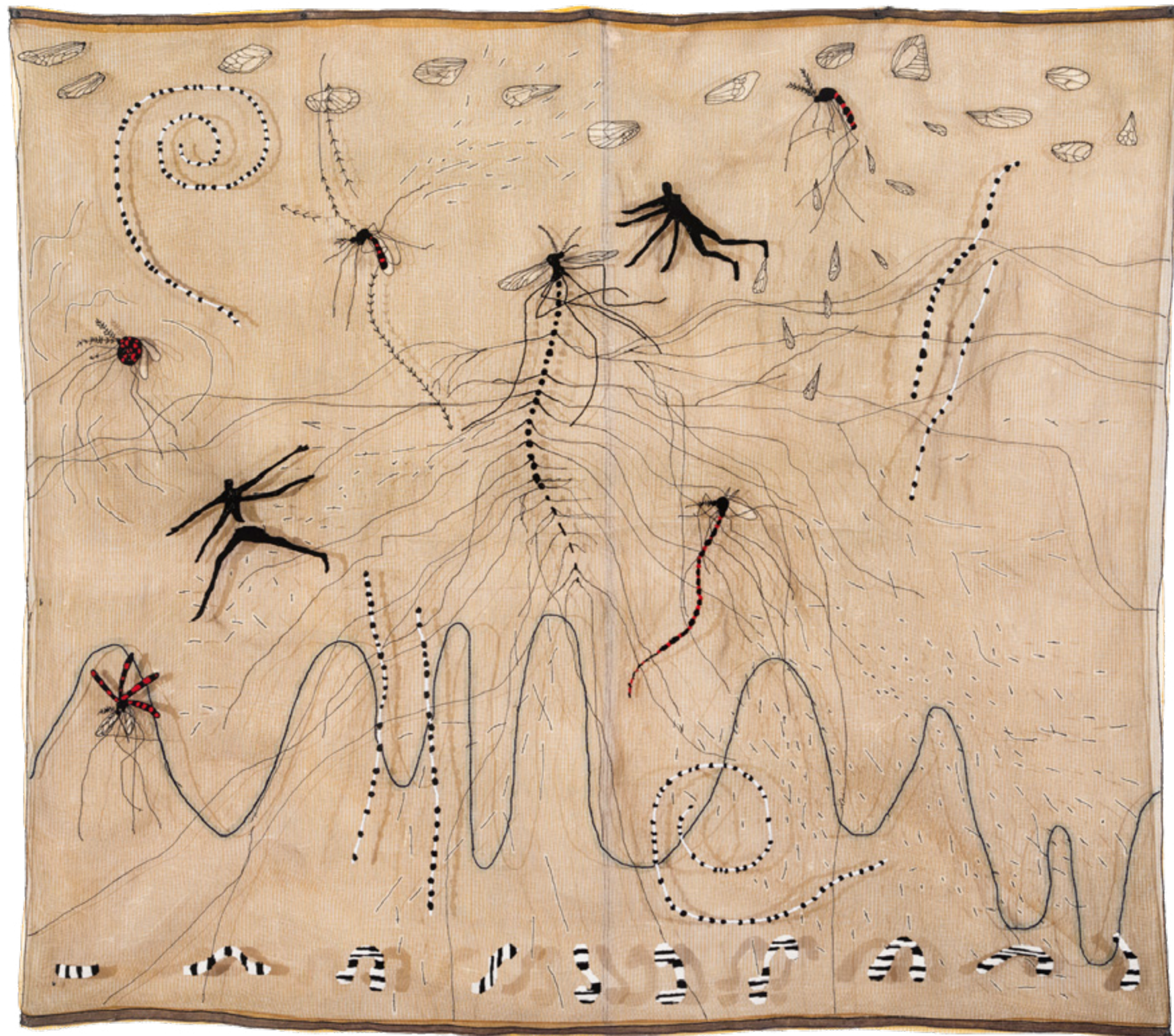
“based on the theory of relational ontology which assumes that life is shared in relation to others. Listening is an act of connecting to species—human and nonhuman—in collective symbiosis where sound operates as a shared cultural experience that unites various global communities in affinity to one another” (British Pavilion, Venice Biennale, 2024).

In this sense, the sonic experiences evoked by Caccuri in her textile panels unfold on the plane of virtuality, calling on the viewer to respond imaginatively to the stimuli emanating from the moving bodies embroidered onto mosquito netting, forming an expansive, crafted narrative. Imagination as a means of understanding the world.

Vivian Caccuri
Lexapro II, 2022

Tela mosquiteiro, betume,
algodão e poliéster
151 x 167 cm

Cortesia Coleção Paulo Darzé

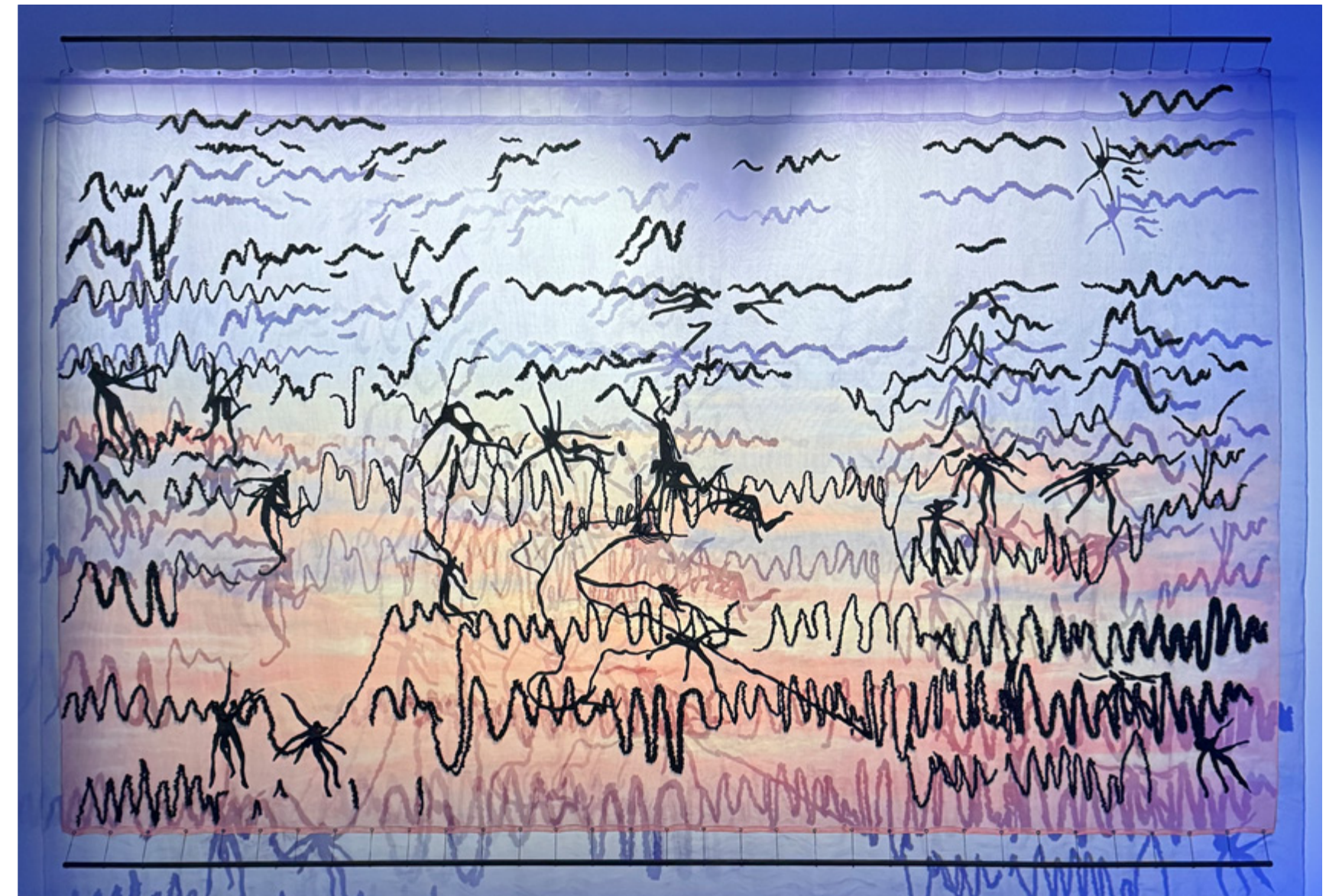


Vivian Caccuri
Lexapro II, 2022

Mosquito netting, bitumen,
cotton, and polyester
151 x 167 cm

Courtesy of Paulo Darzé Collection





Vivian Caccuri
Lexapro III, 2026

Tela mosquiteiro, acrílica,
algodão e poliéster
200 x 320 cm

Vivian Caccuri
Lexapro III, 2026

*Mosquito netting, acrylic paint,
cotton, and polyester*
200 x 320 cm

Pele azul

Agora, imaginem um mundo cuja escala existencial não corresponde à nossa. Uma esfera de vida que obedece a suas próprias dinâmicas de sobrevivência, na contramão do entendimento ocidental de que a humanidade deva se sobrepor às demais espécies. Pois nessa realidade “às avessas”, apresentada no filme *Pele azul*, é justamente o humano a ocupar uma esfera de quase invisibilidade numa narrativa cujo protagonismo é dado aos mosquitos *Sabethes albiprivus*.

Em uma inversão das relações hierárquicas entre a espécie humana e as demais, esta obra nos leva a navegar pela escuridão, testemunhando a beleza e o estranhamento de vivenciar um mundo aparentemente alheio ao nosso. Embora à primeira vista as imagens do filme possam parecer produto da Inteligência Artificial, dada sua fascinante sofisticação, em realidade são resultado de dias de trabalho incansável de filmagem com cientistas e os próprios mosquitos reais cultivados em laboratório.

Desenvolvida em colaboração com o Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários da Fiocruz no Rio de Janeiro, esta obra — em parte ficção científica, em parte documental — é reveladora dos mistérios da vida na Terra, de uma ação que se dá muito aquém de nosso campo de visibilidade imediato. Ao filmar cenas de mosquitos se preparando para picar um humano como se fosse uma sequência cinematográfica de ataque aéreo, a distinção cultura/natureza cai por terra, fazendo-nos perguntar sobre as relações vitais entre a cultura humana e a de outras espécies cuja agência é de igual relevância em nosso complexo ecossistema. Não devemos entender aquilo que chamamos de “natureza” como algo estranho a nós, pois dela fazemos parte, necessitando de toda a sua diversidade para preservar um globo fértil e por todas as espécies habitável.

Ao final do filme, quando picado pelo mosquito azul, o humano igualmente se converte em um ser de pele azul. Como o autor polonês Ryszard Kapuściński escreveu: “Cada um de nós que vive neste planeta é um Outro no olhar dos outros — eu estou no olhar deles, e eles estão no meu” (*The Other*, 2008, tradução nossa).

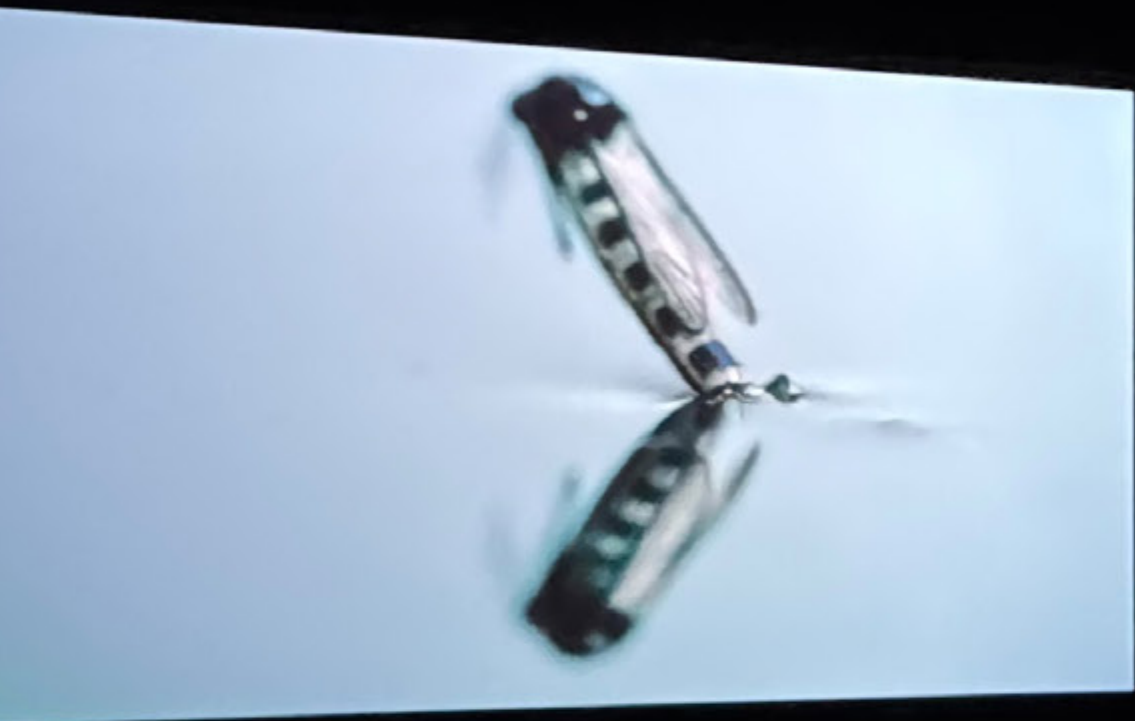
Blue Skin

Now imagine a world in which the existential scale does not correspond to ours. A sphere of life with its own rules of survival, running counter to the Western notion that humanity must prevail over other species. In this “inverted” reality presented in the film Blue Skin, it is humans who occupy a space of near invisibility, while the Sabethes albiprivus mosquito takes center stage.

By inverting hierarchical relations between humans and other species, the work ushers viewers into darkness, revealing the beauty and strangeness of a world seemingly alien to our own. Although the film’s images may at first seem to be the product of Artificial Intelligence due to their fascinating sophistication, they are in fact the result of meticulous filming with scientists and actual laboratory-raised mosquitoes.

Developed in collaboration with the Laboratory of Mosquitoes Transmitting Hematozoa (LATHEMA), at Fiocruz in Rio de Janeiro, the film—part science fiction, part documentary—reveals the mysteries of life on Earth, uncovering phenomena that unfold well outside our immediate field of visibility. Scenes of mosquitoes preparing to bite humans, filmed as though in a cinematic aerial attack, dissolve the nature/culture divide, prompting us to reflect on the vital relationships between human culture and that of other species whose agency is of equal relevance in our complex ecosystem. Nature should not be understood as something separate from us; we are part of it and dependent on its diversity to preserve a fertile and habitable globe for all species.

At the end, when bitten by the blue mosquito, humans too become blue-skinned—as Polish author Ryszard Kapuściński once wrote: “Every one of us living on this planet is an Other in the view of Others—I am in their view, and they are in mine” (The Other, 2008).



Vivian Caccuri
Pele azul, 2026

Instalação audiovisual multicanal
8'57"

Vivian Caccuri
Blue Skin, 2026

Multichannel audiovisual installation
8 min. 57 sec.



Vivian Caccuri
Pele azul, 2026

Instalação audiovisual multicanal
8'57"

Vivian Caccuri
Blue Skin, 2026

Multichannel audiovisual installation
8 min. 57 sec.

Vivian Caccuri

(São Paulo, 1986)

Artista brasileira, vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Vivian Caccuri experimenta o som em composições inusitadas que desorientam a organização convencional das experiências cotidianas. Aparelhos de som, microfones, alto-falantes, cabos, correntes, redes, lâmpadas e velas são alguns dos materiais presentes em suas instalações e performances, que transitam entre camadas visíveis e invisíveis, audíveis e inaudíveis. Sua pesquisa aborda o corpo, a memória e a história. A partir da composição de instalações escultóricas e trilhas sonoras sincronizadas com elementos específicos de cada projeto, a artista constrói objetos que podem ser vestidos, telas delicadas costuradas e entrelaçadas com fios, linhas, pedras e contas, evocando paisagens misteriosas. Essas composições também dão origem a esculturas sonoras que reverberam delírios, ruídos, melodias e mantras. Em suas obras bidimensionais, tridimensionais e sonoras, os materiais permanecem maleáveis por um período que pode ou não atingir a rigidez, e vice-versa. Vivian Caccuri utiliza ferramentas de rarefação, e sua música conecta dimensões temporais que escavam o espaço. Peso, volume e equilíbrio, caros às questões escultóricas, incorporam sua experimentação e suas criações, que variam de escalas quase imperceptíveis a produções intensamente expressivas.

(São Paulo, 1986)

Brazilian artist, lives and works in Rio de Janeiro.

Vivian Caccuri experiments with sound in unusual compositions that disorientate the conventional arrangement of everyday experiences. Stereos, microphones, loudspeakers, cables, chains, nets, light bulbs, and candles are some of the materials present in her installations and performances that move visible and invisible, audible and inaudible layers. The artist's research touches on the body, memory, and history. From the composition of sculptural installations and soundtracks—synchronised with specific elements of each of her research projects—the artist builds objects that can be dressed up, delicate canvases sewn and interwoven with threads, lines, stones, and beads, evoking mysterious landscapes. These compositions also give rise to sound sculptures that reverberate with delirium, noise, melodies, and mantras. In her works—two-dimensional, three-dimensional, and with sound—her materials are malleable for a period that may or may not reach rigidity, and vice versa. Vivian Caccuri uses thinning tools, her music connects temporal dimensions that dig into space. Weight, volume, and balance—dear to sculptural issues—embody the author's experimentation and her creations, which vary in scale from the most imperceptible to highly vociferous productions.





Bernardo José de Souza

curador

Bernardo José de Souza realiza exposições, escreve e investiga a arte contemporânea. Foi diretor artístico da Fundação Iberê Camargo (2017/19), em Porto Alegre, Brasil, e atualmente atua como curador independente, vivendo em Madri. Integrou a equipe curatorial da 19ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil | São Paulo (2015), e também foi membro da equipe curatorial da 9ª Bienal do Mercosul | Brasil (2013). De 2005 a 2013, trabalhou como diretor do Departamento de Cinema, Vídeo e Fotografia da Secretaria de Cultura de Porto Alegre, Brasil. Entre suas exposições selecionadas estão *Sex in Space*, na Isla Flotante (2025); *Electric Jungle Fever — Vivian Caccuri* (2025), na Galeria Municipal do Porto; *The Disagreement: A Theatre of Statements* (2024) e *The Devil to Pay in the Backlands* (2022), ambas no NKW / Neuer Kunstverein Wien; *Film as Muse* (2021), no Salzburger Kunstverein; *An Exhibition with Works by...* (2020), no Kunstinstituut Melly; *Havoc and Allure* (2019), no Solar dos Abacaxis, Rio de Janeiro; *Unanimous Night* (2017), no CAC / Contemporary Art Center, em Vilna; e *The Negative Hand* (2015), no Parque Lage, Rio de Janeiro.

curator

Bernardo José de Souza makes exhibitions, writes, and investigates contemporary art. Former artistic director of Fundação Iberê Camargo (2017/19), in Porto Alegre, Brazil, he now works as an independent curator living in Madrid. He was part of the curatorial team of the 19th Contemporary Art Biennial Sesc_Videobrasil | São Paulo (2015), and also a member of the curatorial team of the 9th Mercosul Biennial | Brazil (2013); from 2005 until 2013 he worked as director of the Department of Cinema, Video, and Photography at the Secretary of Culture of Porto Alegre, Brazil. Selected exhibitions include Sex in Space, at Isla Flotante (2025); Electric Jungle Fever — Vivian Caccuri (2025), at Galeria Municipal do Porto; The Disagreement: A Theatre of Statements (2024) and The Devil to Pay in the Backlands (2022), both at NKW / Neuer Kunstverein Wien; Film as Muse (2021), at the Salzburger Kunstverein; An Exhibition with Works by... (2020), at Kunstinstituut Melly; Havoc and Allure (2019), at Solar dos Abacaxis, Rio de Janeiro; Unanimous Night (2017) at CAC / Contemporary Art Center, in Vilnius; and The Negative Hand (2015), at Parque Lage, Rio de Janeiro.



Vivian Caccuri - Pele azul

Vivian Caccuri - Blue Skin

Ficha técnica / *Exhibition Credits*

Patrocínio / *Sponsored by*

Banco do Brasil

Realização / *Realization*

Centro Cultural Banco do Brasil

Artista / *Artist*

Vivian Caccuri

Curadoria / *Curator*

Bernardo José de Souza

Direção geral / *General direction*

Beto Amaral

Julia Borges Araña

Projeto expográfico / *Exhibition design*

Bernardo Bazani

Ana Mérope

Caio Rechuem

Projeto de iluminação / *Lighting design*

André Boll

Giullia Gonçalves (assistência / *assistant*)

Identidade visual / *Visual identity*

Victoria Vic

Estúdio Vivian Caccuri / *Vivian Caccuri Studio*

Bernardo Bazani (diretor executivo / *executive director*)

Mariana Debarba (coordenadora / *coordinator*)

Maria Maia (produtora / *producer*)

Ailton Berberick, Alice Garambone, Brenda Cantanhede,

Bruno Bellini, Bruno Magliari, Júlia Couto,

Leonor Jacaúna, Letícia de Paula, Milena Pacheco,

Olga Carolina, Paula Gordo (assistência / *assistants*)

Produção de montagem e manutenções /

Installation production and maintenance

Adriana Borges Araña

Fernando Passetti

Rodrigo Kiko

Iluminação / *Lighting*

Santa Luz

Anderson Melo de Oliveira

Ivan Marques da Costa

Emílio Melo de Souza

Montagem fina / *Artwork installation*

Bruno Pastore

Louis Alamino

Luiz 83

Michel Onguer

Produção de *Gatonet (Nuvem) /*

Gatonet (Nuvem) production

Anne Santos (captação de som / *sound recordist*)

Blue Bird Produções Artísticas (coordenação de confecção de caixas de concreto / *concrete boxes fabrication coordination*)

Junior Turella (alto-falantes / *speakers*)

Mauro Amorim, Mauricio Zati (confecção de caixas de concreto / *concrete boxes fabrication*)

Thiago Lanis (cenografia / *exhibition scenography*)

Vasco Pimentel (captação de som / *sound recordist*)

Laudos técnicos / *Condition reports*

Alice Tischer

Ana Lobo

Execução de projeto expográfico /

Exhibition design construction

Eprom

Equipamentos audiovisuais /

Audiovisual equipment

Núcleo UM

Engenheiro / *Engineer*

Murilo Jarreta

Acessibilidade / *Accessibility*

Aka Projetos Culturais

All dub

CPL

Direcional acessibilidade

Spectrart Produções Artísticas

Sinalização / *Environmental design printing*

Secall

Gestão de tráfego de redes sociais /

Social media ads management

Juliana Villas Boas

Assessoria de imprensa / *Press office*

Ane Tavares

Diogo Locci

Revisão de texto / *Proofreading*

Regina Stocklen

Tradução de texto / *Translation*

Adriana Francisco

Registro audiovisual /

Audiovisual documentation

Ruído

Registro fotográfico / *Photo documentation*

Edouard Fraipont

Ruído

Gestão administrativa e financeira /

Administrative and financial management

Bernardo Bath

Contabilidade / *Accounting*

Ricardo Tiso

Seguro / *Insurance*

Ezze Seguros

Howden

Transporte / *Freight*

Millenium

Agradecimentos / *Acknowledgements*

Flávia Virginio

Idealização / *Concept*

Cisma Produções

Phi Projetos

Produção / *Production*

Cisma Produções

Coprodução / *Co-production*

Phi Projetos






Vivian Caccuri - Pele azul
Vivian Caccuri - Blue Skin

29 abr - 03 ago | 2026
Apr. 29 - Aug. 3, 2026

Centro Cultural Banco do Brasil - Espaço Anexo
Rua Álvares Penteado 112, Centro Histórico, SP
Próximo à estação São Bento do Metrô / *Near São Bento Metro Station.*

Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças.
Open every day from 9 a.m. to 8 p.m., except Tuesdays.

Entrada gratuita.
Retire seu ingresso na bilheteria ou no site bb.com.br/cultura
Free admission.
Collect your ticket at the box office or on the website bb.com.br/cultura.

  @ccbbsp  /cbbcultura



Informações / Information
(11) 4297-0600

SAC / Customer Service
0800 729 0722

Ouvidoria BB / BB Ombudsman
0800 729 5678

Deficiente auditivo ou de fala / Hearing or speech impaired
0800 729 0088

Alvará de Funcionamento 2025/03407-00, válido até 17/07/2026.
Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros nº 785282, válido até 07/08/2027.
Operating Permit No. 2025/03407-00, valid until July 17, 2026.
Fire Department Inspection Certificate (AVCB) No. 785282, valid until August 7, 2027.

Produção / Production Realização / Presentation



CISMA
PRODUÇÕES

CCBB
Centro Cultural Banco do Brasil

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO